

O LABORATÓRIO NA FORMAÇÃO DE ATRIZ¹.

Joana Zanotto Sabbá Guimarães², André Luiz Antunes Netto Carreira³

¹ Vinculado ao projeto “Ambiente, atuação teatral e cena expandida iberoamericana.”

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro. – CEART – Bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientador(a), Departamento de Artes Cênicas. – CEART – andre.carreira@udesc.br

Neste resumo relaciono o meu processo de desenvolvimento como atriz com as práticas experimentadas no Laboratório de Atuação ÁHQIS, explicitando como o ambiente de pesquisas em coletivo com as colegas e com o diretor, professor e orientador do projeto, André Carreira, possibilita um espaço de aprofundamento na investigação pessoal em atuação. Para isso vinculo meu processo na montagem da peça Alice no País do Esquecimento com minhas pesquisas no laboratório.

Desde a segunda fase do curso, há dois anos, ingressei no Laboratório de Atuação do ÁHQIS, o que faz com que o meu processo de formação como atriz esteja bastante relacionado com as práticas coletivas realizadas no ambiente proporcionado pelo grupo de pesquisas. Considero o acordo comum em se criar um núcleo comprometido com o pensar e fazer teatral um bom propulsor para o desbravamento das camadas concernentes à atuação. Algo bonito e complexo que envolve a seriedade da pesquisa aliada ao jogo e brincadeira de se estar em grupo. No convívio entre os desejos e repulsas do coletivo-indivíduo podemos criar terreno seguro para se caminhar e se explorar. Tenho como fato bastante marcante em minhas memórias de aprendizado, a ocasião em que contracenando com a colega de laboratório, Letícia (agora formada), na disciplina de Interpretação II, tive pela primeira vez a sensação de um acontecimento enquanto eu atuava. Ainda durante o exercício, senti-me diferente, saía de mim uma voz, um modo de me expressar e agir, que eu não conhecia e que estava suportado na relação que eu criava com minha parceira de exercício. Isso me fez perceber que parte dos aprendizados acontece enquanto trocamos de maneira sutil através da generosidade de se partilhar ao atuar.

Essas sensações eram de início sempre muito espontâneas e aleatórias até se desdobrarem em mecanismos conscientes para se chegar em estados de atuação e de relação. E a partir daí se abrir um leque das diversas possibilidades a serem trabalhadas e refinadas em cena. No meu processo de atuação na peça Alice no país do Esquecimento, da disciplina de montagem teatral ministrada pelo professor André, me realizei de que gostaria de aproveitar o projeto para pesquisar mais sutilezas estando em cena e as linhas de força que se formam entre as atrizes buscando como dilatar ou suspender a tensão entre as atrizes. Interesse-me em conseguir me situar de forma mais plena no jogo, tentando desenvolver uma percepção e escuta ampliada para conquistar mais autonomia na minha atuação.

Nos últimos meses parte de nossa prática no ÁHQIS foi ligada ao projeto de pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de Rodmar (agora formado) sobre o choro. Ele conduziu algumas práticas com o grupo para que refletíssemos e desenvolvêssemos nossos caminhos para chorar atuando. Foi possível pelo estímulo empregado trabalhar a nossa técnica e ouvir como cada colega se experimenta para chorar. Como eu gostaria de pesquisar sutilezas, tentei achar novos caminhos para chorar que fossem a partir de lugares mais relaxados do corpo e que pudessem modelar de intensidade pelo motivo de que o percurso que eu usava até então exigia bastante tensão abdominal, acabando por refletir na contração do corpo e da voz, me prejudicando em cena. Descobri outros dispositivos para chorar que me deixam com o corpo mais livre e solto.

Outra pesquisa importante me ocorreu em decorrência da montagem da peça Uma Mulher que se Afoga, em que estávamos todas as atrizes o tempo todo em cena. Apesar de eu ter um papel relativamente pequeno na peça, como a empregada da casa, pude pensar bastante sobre como estar ativa o tempo todo em cena mesmo quando não era protagonista. Acredito que essa experiência ampliou minha noção espacial e relacional e me abriu a percepção das linhas de força que se formam em cena, e que posso investigar melhor no projeto de Alice. Nessa peça, apesar de não estarmos todas em cena o tempo todo, acontece de muitas vezes terem mais de um núcleo dividindo o quadro, assim sai bem termos esse olhar ampliado para nos posicionarmos com um pouco mais de clareza.

A peça Alice no país do esquecimento é uma montagem com turma de 16 atores e atrizes, portanto, repleta de desafios para se criar uma constelação de relações e situações que estão no fundo da trama dessa estranha personagem, que na peça são três. Tem sido muito bom poder ter esse espaço para colocar em prática na cena os exercícios e aprendizados no campo.

Citei apenas alguns exemplos de trabalhos nossos que contribuem para o processo de abrir as camadas da atuação. Nesse meio tempo vivemos o projeto dos Pequenos Burgueses, uma peça realizada totalmente sem ensaio, o trabalho intensivo com a diretora uruguaia Mariana Percovich, oficinas com a professora Heloísa Marina, com o professor e diretor Guillermo Cacacce, entre outros. Mas o que me instiga nesse curto escrito era de visualizar como uma rede de tramas sutis corrobora para uma formação em atuação.

Palavras-chave: Atuação, laboratório, pesquisa, formação.